

“A Educação é uma coisa admirável, mas nada do que vale a pena saber pode ser ensinado...”

Oscar Wilde
Escritor britânico de origem irlandesa (1854-1900)



Carmo, Ricardo e Henrique entrevistaram o ministro na mesa onde Tiago Brandão Rodrigues habitualmente reúne com os secretários de Estado

EDUCAÇÃO

“TPC com conta, peso e medida”

O ministro da Educação, Tiago Brandão Rodrigues, foi entrevistado por três leitores da VISÃO Júnior, que lhe fizeram perguntas bem diferentes das habituais

CLÁUDIA LOBO ANTÓNIO BERNARDO

O ministro prometeu e cumpriu. Na cerimónia final de ‘Miúdos a Votos’, uma iniciativa conjunta da VISÃO Júnior e da Rede de Bibliotecas Escolares, disse que a sua entrevista de fundo seguinte seria à VISÃO Júnior. Dito e feito. Na segunda-feira, 18, três jovens leitores da revista entrevistaram Tiago Brandão Rodrigues no seu gabinete, no 13º andar do número 105 da Av. 5 de Outubro, em Lisboa. Henrique Magalhães, 9 anos, aluno do 4º ano, veio da Maia. Carmo Parrulas, 11 anos, estudante do 6º ano, chegou de Casa Branca, Sousel. Ricardo Santos, 13 anos, viajou de Viseu.

Os três colocaram as perguntas formuladas por eles e por mais de uma dezena de miúdos. Foram os portavozes de todos os leitores. E de entrevistadores passaram depressa a entrevistados: Tiago Brandão Rodrigues fartou-se de lhes colocar questões. Com uma capacidade empática fora do comum, o ministro esteve mais de uma hora à conversa, não deixando uma palavra ou conceito por explicar. Eis o essencial da entrevista que poderá ver na íntegra em visao.pt ou ler na edição de outubro da VISÃO Júnior.

Henrique: Quando era pequeno ficava entusiasmado com o regresso às aulas?

Tiago Brandão Rodrigues: Muito! Sempre adorei a escola. Gostava das férias, claro, mas o regresso às aulas significava muito para mim – e agora, como ministro, também significa. Era a altura de reencontrar os amigos, de voltar a um espaço que adorava, de voltar a aprender, de voltar a fazer desporto, de voltar aos clubes de ciência e de cinema. Quando aos 14 anos deixei Paredes de Coura e fui viver sozinho para Braga, para poder continuar a estudar, senti ainda mais o bom que era reencontrar os amigos. Agora, de forma diferente, também me entusiasma o início do ano escolar – trabalhamos muito aqui no Ministério para que o vosso entusiasmo do regresso às aulas possa ser bem recebido em cada uma das escolas.

Carmo: Qual foi, para si, o ano mais difícil na escola?

Confesso-vos que era bom aluno e correu sempre tudo muito bem. Estudei em Paredes de Coura, depois em Braga

Ricardo Santos, 13 anos, veio de Viseu para entrevistar o ministro. Estuda no 8º ano e gostava de seguir Biologia

e, mais tarde, em Coimbra. Sempre que mudava de escola, sentia que era um período de prova. Não que tivesse mais dificuldade com a matéria, mas tinha de me adaptar a novas rotinas e fazer novos amigos. Não me lembro do ano mais difícil, mas lembro-me daquele em que me senti melhor: o 8º ano. Era o segundo ano na mesma escola, não tinha muitas responsabilidades mas já sabia muita coisa, praticava desporto escolar, fazia corta-mato e karaté, estava na associação de estudantes. Foi fantástico.

Ricardo: Apesar de ser ministro da Educação, devia ter uma disciplina favorita. Qual era?

E porquê o “apesar de ser ministro da Educação”? Achas que os ministros não podem ter preferências? Só sou ministro há 20 meses e todos nós temos preferências. Na primária gostava muito de Meio Físico e Social (hoje Estudo do Meio), no unificado de Ciências da Natureza e de Biologia. Quando andava no secundário, tinha uma grande dúvida: se queria ser biólogo de bota ou biólogo de bata. Como gostava muito de Biologia mas também de Química, escolhi Bioquímica, que estuda os fenómenos químicos da vida.

Carmo: Dos seus tempos de escola, o que mudaria?

O que era complicado na altura, e que hoje felizmente não é assim tão complicado (embora haja ainda trabalho a fazer), era que muitos dos meus colegas só estudaram até ao 6º ano, que era a escolaridade obrigatória. Se pudesse agora meter-me numa máquina do tempo e recuar, criaria condições para que eles pudessem ter continuado a estudar. É para isso que trabalhamos hoje, para que toda a gente possa terminar a escolaridade obrigatória e, se quiser, seguir para o ensino superior.

Ricardo: Ouve a opinião dos alunos sobre o funcionamento das escolas?

Sim. Este ano, promovemos uma iniciativa, “A Voz dos Alunos”, em que falámos com estudantes de todos os ciclos de ensino (e com alunos que já tinham terminado o secundário)



Henrique Magalhães está no 4º ano e sonha ser jornalista e presidente da República. Vive na Maia

Carmo Parrulas, 11 anos, gostava de estudar Astronomia. Mora em Casa Branca, Sousel, e anda no 6º ano em Estremoz

para nos dizerem o que funciona bem e o que é preciso melhorar. Podemos construir uma melhor escola ouvindo os alunos. O que eles nos pedem, acima de tudo, é muita liberdade para desenvolver projetos, para fazer trabalhos em grupo, para poderem debater, e muita liberdade interdisciplinar. Outra forma de ouvirmos os alunos é através do Orçamento Participativo, que lançámos o ano passado nas escolas do 3º ciclo e do secundário. Permite aos estudantes apresentarem propostas, debaterem-nas e votarem-nas, para decidirem onde vai ser aplicada parte do dinheiro que a escola recebe. O projeto mais escolhido em todo o País foram as rádios escolares. Melhorar as escolas não é só melhorar o que está dentro da sala de aulas, também são estas coisas.

“SE TIVESSE UM ALUNO MAL COMPORTADO NA MINHA AULA, A PRIMEIRA COISA QUE FAZIA ERA FALAR COM ELE”

Carmo: Concorda que os TPC são “Tortura Para Crianças”?

(Risos) É o que dizem agora dos TPC lá na escola? Sabes como era no meu tempo? Quando a professora dizia “TPC”, levantávamo-nos, porque queria dizer “Todos Para Casa” (risos). Antigamente, os TPC chamavam-se deveres. E são isso mesmo: nós temos direitos e deveres. Não acho que sejam tortura para crianças. Mas há algo muito importante: como tudo na vida, os TPC devem ter conta, peso e medida. Não podem ser excessivos. Como sabem, os professores têm autonomia naquilo que fazem; e se vos passam TPC é porque entendem que isso vai ajudar no vosso processo de aprendizagem. É fundamental que não sejam trabalhos repetitivos, porque se não tornam-se contraproducentes; devem ter valor pedagógico, para que os alunos adquiram competências. Os TPC podem ajudar-vos a criar hábitos de trabalho e a perceber o sentido do esforço pessoal. Mas, como disse, têm de ser com conta, peso e medida. Os alunos também precisam de tempo para outras coisas. Vocês acham que os TPC implicam esforço pessoal?

Carmo: Acho que sim.

Preferias não os fazeres?

Carmo: Preferia fazer só alguns.

É mesmo isso. Ao teres TPC, crias hábitos de trabalho, percebes o que quer di-



Despedidas, já de microfone desligado “Que conselho daria a um jovem que quer ser político? Que brinque e seja feliz”

zer esforço pessoal e, simultaneamente, deves organizar-te, o que implica que treines outra coisa essencial: a gestão do tempo. Sabes que para fazer um trabalho de casa tens de te concentrar, para depois teres tempo livre. Acham que o tempo livre é importante?

Carmo, Henrique e Ricardo: Sim. As crianças e os jovens têm o dever

de fazer os trabalhos para casa, mas também têm o direito de ter tempo para brincar e descansar.

Ricardo: Como se sente sabendo que Portugal é um dos países com maior sucesso escolar a nível mundial, segundo o PISA?

Temos melhorado graças ao trabalho de muitos governos ao longo do

tempo. E se é importante termos conseguido esses níveis, também é importante mantê-los. Acima de tudo, é importante sermos sociedades mais felizes e mais capazes, sermos pessoas com mais capacidade para entendermos o que acontece à nossa volta. Vocês sabem o que é cidadania?

Ricardo: São os direitos e os deveres dos cidadãos.

Isso mesmo. É muito importante o respeito pelos outros, e isso também é algo que se deve aprender na escola. A escola tem de ensinar Português, Matemática, Ciências, mas também tem de nos ensinar a todos, como sociedade, a sermos cada vez cidadãos mais plenos. **Carmo: Concorda com a existência de tantas disciplinas no 5º e no 6º anos?**

Bem, há sempre um grande debate sobre o que deve ser ensinado na escola e a extensão das matérias. Temos feito um trabalho no sentido de permitir às escolas flexibilizarem, dentro da autonomia, esta carga aparentemente tão forte de disciplinas e de matéria dentro de cada disciplina. Este ano, com uma série de especialistas em Educação, fizemos um estudo sobre as características que um aluno deve ter à saída do ensino obrigatório – o que implica definirmos também o que temos de ensinar de cada matéria. Mas vocês acham que têm muitas disciplinas? **Ricardo: Eu estou no 8º ano e já estou habituado.**

Carmo: Eu estou no 6º e podem nem ser assim tantas disciplinas, mas há dias em que tenho mesmo muito peso na mochila...

Ah, essa é outra questão! Se tens cacifo na escola, podes fazer alguma gestão do peso que transportas todos os dias. Felizmente, agora também existem mochilas com rodas, que aliviam as costas. O peso das mochilas é um debate que está aberto e temos trabalhado, com a sociedade, para encontrar pistas para o resolver. Trabalharemos com as editoras para pensar noutras soluções, como, por exemplo, a matéria não estar toda num único livro ou os cadernos de exercícios serem feitos por fascículos.

Ricardo: Em alguns países, os alunos do secundário escolhem as disciplinas. Podem estudar ao mesmo tempo Geografia, Teatro

e Biologia, por exemplo. Seria possível algo deste género cá?

Vou dar-te uma novidade: em Portugal, isso também já é possível. Este ano, as 235 escolas que integram o projeto-piloto da autonomia e da flexibilidade já permitem aos alunos do secundário estarem numa área e escolherem disciplinas de outra área.

Henrique: Se tivesse um aluno mal-educado nas suas aulas, o que fazia?

Antes de mais, falava com ele. A má-educação não pode entrar nas salas de aula. Aliás, a má-educação não deve entrar na vida de ninguém: nem num grupo de amigos, nem na família, nem no local de trabalho, nem numa escola. Obviamente que se alguém está a ser mal-educado num determinado momento é porque algo está a correr mal. Primeiro conversaria com esse aluno, tentaria entender o que o levou a reagir e a comportar-se assim. E de certeza que conversando com ele, os colegas, a família e os outros professores, encontraríamos estratégias para que essa má-educação não fosse a norma. Não se pode admitir que alguém seja mal-educado numa sala de aula; não se pode admitir de todo que o seja de forma reiterada. Tentaria por isso sobretudo que a má-educação não continuasse.

Carmo: Para quê estudar tanto para tirar boas notas, se colegas meus, que não estudaram o ano inteiro, tendo tido seis negativas nos 1º e 2º períodos, passam de ano apenas com duas negativas?

Há um órgão, o Conselho de Turma, composto por todos os professores, que decide quem são os alunos que passam de ano. Acima de tudo, é necessário que cada jovem tenha um percurso, e esse percurso tem de ser o mais possível de sucesso. O sucesso educativo de cada um de nós é até onde cada um consegue ir. Tenho a certeza de que para muita gente tirar notas abaixo de 4 ou de 5 é um momento de insucesso, porque sabem que podem dar mais. Como sociedade, temos de criar condições para que o sucesso seja total. E o sucesso é cada um de nós poder chegar ao seu máximo. Agora, o que me perguntas é: como é que eu tenho 5 e passo de ano e o colega que tem duas negativas também passa de ano? Em vez de ficar chateado porque o outro passou com duas negativas, devo ficar verdadeiramente feliz por ter tido boas notas e, muito provavelmente, no próximo ano trabalhar com este colega para o poder arrastar a ter melhores notas. clobo@visao.imprensa.pt

O rating e o resto

POR JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS



1 A Standard & Poor's tirou Portugal do "lixo" onde de facto nunca esteve – a não ser na classificação de agências de rating que são instrumentos do pior do império financeiro global. E que se deviam envergonhar de muito que fizeram e de erros (só erros?...) de avaliação escandalosos. Nem por isso, porém, perderam poder, o que não constitui menor escândalo. Com a Europa continuando sem ter a sua própria agência, apesar de se considerar indispensável tê-la. "Não é possível que um cartel de três empresas norte-americanas decidam a sorte dos Estados e dos seus cidadãos", disse em tempos a comissária europeia Viviane Reding. E, no entanto, nada mudou.

Mas as coisas são o que são. Assim, é óbvia grande importância para o nosso país de uma das três maiores dessas agências ter feito o que há muito se impunha, devendo as outras duas, a Moody's e a Fitch, fazer o mesmo na próxima avaliação. De imediato houve uma significativa queda das taxas de juro que o País paga, a que outros efeitos positivos se seguirão. Ou, visto de outro ângulo, de imediato se verificou a anulação das muito gravosas consequências de nos terem posto no "lixo". Consequências que ainda seriam muito piores se a agência canadiana DBRS, mais pequena e decerto mais séria ou competente, não tivesse mantido sempre a notação de Portugal no patamar que permitiu continuar as compras de dívida pública pelo Banco Central Europeu.

Duas conclusões que agora importam: a) a DBRS foi a única agência que em relação a Portugal fez uma avaliação e teve uma atitude decentes; b) se não se pode esquecer que a dívida do País continua a ser enorme, por isso

mesmo não se pode esquecer também a necessidade de a renegociar, apesar da situação e das perspectivas mais favoráveis do País; mais: é de elementar justiça renegociá-la, pois nada justifica estejamos a pagar juros superiores aos que hoje pagamos nos mercados por empréstimos que nos foram concedidos no âmbito de um pacote de "ajuda" (sublinho: "ajuda") da troika – juros, só os juros, que nos custam mais de sete mil milhões de euros anuais...

2 Nas autarquias cada caso é um caso e há imensos casos, e variados ângulos de abordagem, interessantes. Como aqui não "cabem", três notas gerais, telegráficas:

a) Não são previsíveis grandes surpresas ou mudanças, com implicações na política nacional e nos partidos. Porque o PSD desceu tanto nas autárquicas de 2013 que em relação a elas é mais provável ganhar do que perder (só Lisboa e Porto podem pôr mais em cheque Passos Coelho); porque o PS cresceu tanto, em 2013, que apesar da sua muito boa situação nacional até pode agora, sem problemas, decrescer um pouco; porque a CDU vai manter o essencial das suas posições e o BE só pode aumentar;

b) Há curiosidade e expectativa sobre se os resultados vão ou não levar a uma repetição, em algumas autarquias, como Lisboa, da fórmula que sustenta o atual governo, com acordos sobretudo entre PS e PCP;

c) De assinalar, pela positiva, o crescente número de candidaturas independentes e de debates entre os candidatos, em especial nas rádios e televisões. Estas, porém, nos seus noticiários continuam quase sempre a ouvir os líderes dos partidos e a privilegiar as suas intervenções, o que me parece mal. jvasconcelos@imprensa.pt

É justo renegociar a dívida, pois nada justifica que paguemos no âmbito de um pacote de 'ajuda' (da troika) juros superiores aos que hoje pagamos nos mercados



APROVEITE O FIM DO VERÃO E POUPE + NO SORRISÃO!

JÁ CONHECE O ALL-ON-4?

O tratamento All-on-4 é uma solução segura e económica que permite aos pacientes a possibilidade de utilizarem uma prótese fixa sobre quatro implantes. Esta é a melhor proposta do PNID para quem procura o sorriso perfeito, ganhando qualidade de vida.

AS MAIORES VANTAGENS:

- ✓ Mastigação de todo o tipo de alimentos
- ✓ Ausência do medo e vergonha em sorrir
- ✓ Melhoria na aparência física
- ✓ Aumento da autoestima do paciente
- ✓ Facilidade na higienização oral diária

O PNID AJUDA-O A POUPAR ATÉ 50% EM IMPLANTES DENTÁRIOS

LIGUE PARA
800 209 428

INDIQUE O CÓDIGO #PNIDV06
E BENEFICIE DESTAS
CONDIÇÕES ESPECIAIS

PNID - PORTUGAL
PROGRAMA NACIONAL DE IMPLANTES DENTÁRIOS

www.pnid.pt

Aveiro
Braga
Cascais
Coimbra
Évora

Faro
Guimarães
Leiria
Lisboa
Montijo

Portimão
Porto
Santarém
Setúbal
Vila do Conde